



RESENHA CRÍTICA DO LIVRO “A PÓS-VERDADE É VERDADEIRA OU FALSA?”, DE LÚCIA SANTAELLA

CRITICAL REVIEW OF THE BOOK “IS POST-TRUTH TRUE OR FALSE?”, BY LÚCIA SANTAELLA

Letícia Aires de Farias¹

RESUMO

A escolha do livro se baseou na articulação entre os assuntos abordados pela autora e o nosso cotidiano, pois Santaella traz um debate muito interessante sobre o nosso acesso aos dados na rede. Estamos imersos em um mundo cibernético em que a tecnologia está tão presente no nosso cotidiano e nos permite cada vez mais acessar informações disponíveis nessa rede destacando a nossa vivência em uma cibercultura. Por isso, essa resenha aborda levantamentos da autora de como esse uso à rede pode afetar a nossa definição de verdade e, ainda, gerar um momento chamado pós-verdade, em que, a busca pelos fatos não é tão importante. Estamos imersos em tantas informações que nem sempre sabemos como usufruir desses dados de forma mais apropriada, podendo facilmente disseminar notícias falsas (“fake news”) e vivermos presos em bolhas de informações que reafirmam nosso pensamento mesmo sem fatos comprobatórios. Com a pandemia o acesso às redes sociais aumentou e com isso o acesso a notícias falsas e o aprisionamento em bolhas de informação ganha mais destaque se tornando um assunto relevante para a formação do pesquisador.

Palavras-chave: bolhas, “*filter bubbles*”, “*fake news*” e pós-verdade.

RESUME

The choice of the book was based on the articulation between the issues addressed by the author and our daily lives, as Santaella brings a very interesting debate about our access to data on the network. We are immersed in a cyber-world in which technology is so present in our daily lives and allows us to increasingly access information available on this network highlighting our experience in a cyber culture. For this reason, this review addresses surveys by the author of how this use of the network can affect our definition of truth and, also, generate a moment called post-truth, in which, the search for facts is not so important. We are immersed in so much information that we do not always know how to use this data in the most appropriate way, being able to easily spread false news (“fake news”) and live trapped in bubbles of information that reaffirm our thinking even without supporting facts. With the pandemic, access to social networks increased and, with that, access to false

Submetido em: 22/05/2020 – **Aceito em:** 12/06/2020 – **Publicado em:** 18/08/2020.

¹ Formada em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ – CDUC). Formação em andamento de especialista em Ensino de Química pelo Colégio Pedro II. Mestranda em Educação no PPGECC- Programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ – FEBF). E-mail para contato: farias.laf@gmail.com



news and imprisonment in information bubbles gains more prominence, becoming a relevant subject for the training of the researcher.

Keywords: *bubbles*, “*filter bubbles*”, “*fake news*”, “*post-truth*”.

INTRODUÇÃO

Lúcia Santaella é graduada em Letras Português e Inglês, doutora em Teoria Literária e Livre-Docência em Ciências da Comunicação e atua como pesquisadora do CNPq e professora titular no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Tem cerca de 50 livros publicados, e atuou em edição de 21 livros, além de mais de 400 artigos publicados em periódicos científicos no Brasil. Atua nas linhas de pesquisa de: Comunicação Semiótica Cognitiva e Computacional, Inteligência Artificial, Estéticas Tecnológicas e Filosofia e Metodologia da Ciência. (BRAGA, 2020).

Entre as suas publicações temos a obra literária “A pós-verdade é verdadeira ou falsa?” que está entre os últimos oito livros publicados pela autora. A obra traz uma abordagem sobre o que é a pós-verdade (“*post-truth*”) e a sua influência em outros campos como a política, a ciência, o jornalismo, a filosofia e a literatura em um total de 75 páginas que são distribuídas em uma breve apresentação e seis capítulos. Serão destacados nesse texto principalmente a política, a ciência e o jornalismo, cuja relevância será apresentada nos decorrer do texto.

O primeiro capítulo faz abordagens sobre “*filter bubbles*” e é o ponto de partida dessa análise que na tradução livre são chamados bolhas de filtro. Esses filtros existem com uma função de reduzir a quantidade de informações que existem na rede para que chegue para o usuário apenas aquilo que é interessante. O que determina o que o usuário irá ter acesso ou não são só os algoritmos como afirma Santaella (2018, p.12):

As fontes para a geração de filtros personalizados incluem a história de busca do usuário, o resultado de suas escolhas, sua interação com provedores de serviços, seus interesses demonstrados por produtos e serviços. Além disso, tudo que se posta e compartilha nas redes sociais é também engolido pelos algoritmos de captura do perfil do usuário. [...] a viabilização dos serviços compromete a privacidade e **limita a visão de mundo do usuário, estreitando seus horizontes.** (grifo nosso)

Quando analisamos essa afirmativa da autora isso destaca como estamos imersos em um filtro de bolha constante durante nosso acesso a internet. Podemos ressaltar ações como quando fazemos uma busca simples de um produto em um buscador como o Google, em seguida aquele produto passa a surgir de forma aleatória até no seu feed de notícias das suas redes sociais como o Facebook. Isso se torna cada vez mais habitual em nosso cotidiano no mundo virtual e traz como consequência a criação de bolhas.

As bolhas são constituídas por pessoas que possuem a mesma visão de mundo, valores similares e o senso de humos em idêntica sintonia. Isso se constitui em um ambiente ideal para a proliferação de memes e de trolagem, esta última espécie de trote que visa levar as pessoas a tomarem a sério uma brincadeira enganadora até o ponto de se sentirem lesadas, quando se comprova a funcionalidade da trolagem. (SANTAELLA, 2018, p.12)

Podemos observar que autora destaca a proliferação de memes nas bolhas, mas afinal o que significa esse termo? É muito comum termos acesso a vários memes nas nossas redes sociais e ainda disseminá-los como uma forma de protesto político, ou ainda, apenas para divertimento. Para Almeida, Oliveira e Santos (2019, p.60):

Um meme é normalmente uma ideia. Uma espécie de tendência e forma que se dissemina entre indivíduos de uma mesma cultura. Um meme carrega significados que são difundidos de um indivíduo a outro através de dinâmicas replicadas, mixadas e compiladas que adaptam novas perspectivas ao seu contexto original. É também uma expressão geralmente utilizada para descrever uma imagem, vídeo e/ou GIF relacionado ao humor, sátira ou crítica social.

Os memes se tornaram uma forma de liberdade de expressão no mundo atual, basta uma concordância de ideias que ele pode se propagar facilmente, podendo ser de cunho político, profissional ou ainda apenas um esboço das emoções. E no momento que se torna tão popular é um bom exemplo de como as bolhas agem já que a sua propagação ocorre por semelhança de pensamentos e ideias e com isso ganham cada vez mais destaque e atingem cada vez uma maior massa destacando a relevância da temática abordada pela Santaella. No entanto cabe a nós pesquisadores analisarmos o impacto desses tópicos na atual sociedade que está imersa nessas tecnologias.

Na citação de Santaella (2018, p.12) grifamos o seguinte trecho “[...] **limita a visão de mundo do usuário, estreitando seus horizontes.**”, isso destaca que a permanência na bolha nos limita a ter acesso apenas àquilo que é relevante ao nosso pensamento isso implica em termos acesso apenas a uma parte da informação e não ao todo, podendo por fim comprometer o significado daquilo que nos é apresentado. Quando geramos conclusões acerca de uma temática sem compreender o todo por trás daquela notícia podemos gerar conclusões equivocadas e muitas vezes propagar até notícias falsas, já que a bolha nos permite ter acesso somente aquele tipo de informação.

As notícias falsas são debatidas pela autora através do capítulo 2, e, são conhecidas também por “*fakes news*” que são “definidas como notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras. Elas visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos” (SANTAELLA, 2018, p.22). Um desses interesses ganha destaque no livro que é o período político das eleições presidenciais dos Estados Unidos, em 2016. Donald Trump concorria à presidência e as notícias falsas publicadas foram cruciais para a sua eleição.

O editor de mídia do site BuzzFeed, Craig Silvermann, identificou o surgimento de pelo menos 140 sites de notícias falsas que estavam atraindo muitos acessos nas redes sociais, com histórias completamente inventadas. As notícias eram inventadas no intuito de ganhar dinheiro fácil, com sistemas de publicidade, e uma eleição polêmica no país mais poderoso do mundo ganhou destaque (WENDLING, 2018).

A reportagem da BBC News (WENDLING, 2018) destaca que nas notícias falsas geradas nesse período a maior parte do conteúdo era de comunicação política tradicional utilizando de memes e anúncios que descreviam o Trump como o candidato ideal e a sua disseminação poderia ter contribuído nas decisões de alguns eleitores trazendo como resultado a sua eleição. Isso retrata a força da propagação de notícias na rede, e que, as bolhas contribuem ainda mais para a disseminação dessas notícias falsas tomando uma proporção de divulgação muito acima da esperada gerando como consequências a crença em uma notícia totalmente inventada.

Mas os brasileiros não precisam ir muito longe para identificar com essas mesmas notícias falsas influenciaram também nas eleições presidenciais do nosso país. Durante as eleições o termo “robô do Bolsonaro” ganhou um grande destaque após as denúncias de notícias falsas serem disseminadas pelo aplicativo WhatsApp durante as eleições de 2018, com o uso de robôs e disparo em massa de mensagens, e que continuam pelo menos parcialmente ativas até hoje (MILITÃO e REBELLO, 2019).

Na época surgiu uma campanha entre os apoiadores do Bolsonaro alegando que seriam os tais robôs, como uma forma de criticar a imprensa que estaria disseminando informações equivocadas e não eles, o que gerou vários vídeos e vários memes que são vistos até hoje. A propagação de *fake news* durante as eleições foi previsto pela autora, de acordo com a afirmativa de Santaella (2018, p.31): “A proximidade das eleições no Brasil e o perigo que corre da invasão de notícias falsas têm sido assunto contínuo de matérias jornalísticas”.

Podemos destacar então que as previsões dela se tornaram verdadeiras já que o termo “*fake news*” foi muito utilizado pelo presidente eleito sendo utilizado por ele em 31 manifestações feitas em redes sociais em 2019. Em 64,5% dos casos (20 ocasiões) foi utilizado para acusar algum veículo de imprensa ou jornalista de publicar uma informação que o presidente considerava incorreta (AFONSO, 2019).

Mais uma vez podemos dizer que esse resultado foi previsto pela autora, debatido também no capítulo 4 e 5, que já defendia a criação de ações jornalísticas envolvidas na checagem dos fatos do país, como por exemplo, o quadro do site G1, chamado “FATO OU FAKE” que foi criado com o intuito de diminuir a propagação de vídeos e/ou informações equivocadas e falsas (SANTAELLA, 2018, p.33). No entanto, com o acúmulo de propagação de notícias falsas torna isso cada vez mais difícil, já que “a tarefa do jornalismo é reportar, trazê-los à luz por meio de interpretações tanto quanto possível lucidas. Mas, infelizmente, a verdade dos fatos pode ser tripudiada, vilipendiada, manipulada até se converte em mentira deslavada” (SANTAELLA, 2018, p.54). Podemos afirmar então que a forma de escrever a notícia e a interpretação do autor sob aquela informação também podem ser equivocadas gerando como produto a descrença no jornalismo e se tornando uma ferramenta para a propagação de “*fake news*”.

Vale observar que a propagação desse tipo de notícia é bem alarmante, pois uma pessoa que esteja aprisionada em uma bolha irá ter o seu pensamento crítico baseado em informações totalmente equivocadas, e muitas vezes disseminá-las causando algum problema em âmbito de saúde ou social. Para a autora a melhor proteção contra as bolhas, às notícias falsas e a sua disseminação cega é o processo educativo pessoal, coletivo e público. (SANTAELLA, 2018, p.34)

Após o relato de algumas notícias falsas se propagarem no cotidiano do brasileiro pelas bolhas retomo ao próximo tópico destacado por Santaella em seu livro, que é a pós-verdade. Santaella (2018, p.36) traz, no capítulo 3, as principais definições do prefixo “pós” e como a pós-verdade é compreendida no mundo atual:

Para o Dicionário, por sua vez, a “pós-verdade” deve ser entendida em dois sentidos diferentes: de um lado, o significado “depois que a verdade tenha se tornado conhecida”, de outro lado, o significado inaugurado pelo artigo de Tesich, a saber, **o fato de que a verdade se tornou irrelevante**. Assim, no seu sentido expandido, o prefixo “pós” não mais significa apenas “depois de um evento ou situação específica” como, por exemplo, na expressão “pós-guerra”, mas também implica “um tempo em que um conceito se tornou irrelevante ou sem importância”, como foi o caso de pós-nacional, em 1945 (ibid.) grifo nosso.

Agora o momento da pós-verdade não gira mais em torno de descobrir o que de fato é verdade, como foi destacado na citação de Santaella, agora com a intensa presença de bolhas, filtros e notícias falsas as pessoas perderam a crença no que é verdadeiro. Quando o número de notícias falsas é tão grande se torna cada vez mais difícil descobrir a verdade o que gera uma desconfiança generalizada em relação às mídias convencionais, isso traz como resultado que a veracidade ou falsidade da informação é o que menos importa. (SANTAELLA, 2018, p.38-39)

Com isso, como estamos presos em uma bolha que reflete nossas escolhas e pensamentos, é cada vez mais difícil crer em alguma outra notícia diferente como verdadeira. Aqueles que são a favor da opinião política do presidente buscam plataformas que disponibilizem informações que comprovem que seu pensamento é verdadeiro, e, aqueles que são contra fazem o mesmo tipo de busca, e as bolhas impedem ambos de ver o que está por trás disso tudo, como mostra Santaella (2018, p.39),

“O crescimento das mídias transformou o modo de consumir informação o qual se dá por meio de notícias personalizadas para servir às preferências políticas da pessoa. Quanto mais o conteúdo induz à indignação mais aumentam suas chances de se propagar naquilo que os autores chamam de ‘ambientes tóxicos’, quer dizer, ambientes em que a discussão não visa ao desenvolvimento de um argumento, mas sim, discutir para ganhar.”

A busca por fatos que comprovem o erro ou o acerto nas opiniões das pessoas se torna cada vez mais comum e as redes sociais se transformam em uma espécie de ringue de batalha de propagação de memes, notícias falsas, canais falsos entre outros artifícios que visam o mesmo objetivo quem está certo. Ter uma opinião contrária se torna cada vez mais perigoso no mundo atual, pois a divergência de opiniões gera cada vez mais intolerância e esse momento de pós-verdade se torna cada vez mais tenso. O que comentamos ou não nas redes sociais, pode ocasionar ameaças, fins de relacionamentos ou ainda rompimento entre familiares por questões políticas. Em muitos casos é comum ouvir relatos de ameaças e atentados à vida de alguém por discordância de opinião isso pode ocorrer com qualquer pessoa conectada a rede social. A sociedade se torna cada vez mais heterogênea e complexa a criação e propagação de notícias falsas torna a pós-verdade se torna apenas um combate de opiniões.

E com isso, entre todos os tópicos do momento da Pós-Verdade que Santaella aborda em seu livro escolhi a abordagem na ciência, que é relatado no livro dela no capítulo 3, e no capítulo 6. Pois, vivenciamos um momento delicado com a pandemia, no qual muitas funções foram paradas em prol do bem-estar e da saúde da população, e, assim, a propagação de memes e notícias falsas com relação à pandemia e a atuação de professores em prol de erradicar essa propagação de falsas informações se torna um elemento importante, além de trazer uma ótima conexão com o livro, permitindo o esclarecimento de termos e situações vivenciadas atualmente.

O ensino de ciências ganhou destaque, as disciplinas de química e biologia passaram a ter uma maior visibilidade, como a importância de compreender a diferença entre um vírus e uma bactéria ou a atuação do sabonete quando lavamos a mão. Também foi utilizado para desmistificar receitas caseiras de álcool gel que foram criadas que além de não terem a função

antisséptica e desinfetante do álcool elas propagavam a disseminação de bactérias e tornava o usuário mais vulnerável.

A ausência de conhecimento na área possibilitou a disseminação de informações falsa e equivocadas e por isso a autora destaca que não há um momento de pós-verdade na ciência, pois, a ciência deve usar de modo confortável conceitos como verdade, fatos, a realidade e a aceitação de que a avaliação de reivindicações do conhecimento (SANTAELLA, 2018, p.44). Mas, mesmo assim surgem notícias falsas na ciência o que gera como consequência uma busca incessante para provar a verdade por trás dos fatos e com isso, os sites jornalísticos auxiliam a ciência no combate a essas notícias.

A autora finaliza seu livro com o capítulo 6, intitulado “Outras verdades”, que apresenta as verdades provisórias da ciência, o pensamento da verdade na filosofia e as verdades possíveis da arte e da literatura, com o objetivo de apresentar ao leitor que há “tipos diferenciados de verdade” (SANTAELLA, 2018, p.60).

Com isso, seu livro faz um apanhado muito interessante referente à temática pós-verdade e permite uma reflexão sobre o acesso a dados obtidos na rede. Isso possibilita uma série de questionamentos sobre as ações que tomamos nas redes sociais principalmente a reflexão das opiniões políticas, econômicas e sociais. Isso é muito relevante no ensino de química, já que a disciplina de química não é baseada apenas em dados e estatísticas, somos uma disciplina humana que deve levar em conta o uso de metodologias diferenciadas que trazem esse olhar mais real para a disciplina.

REFERÊNCIAS

AFONSO, N. 64,5% das vezes em que Bolsonaro fala em ‘fake news’ são ataques à imprensa. **Folha de S. Paulo**, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 2019. Piauí – Lupa. Disponível em:< <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/12/23/bolsonaro-fake-news-imprensa/>>. Acessado em 14 de abril de 2020.

ALMEIDA, W. C. de. OLIVEIRA, R. dos S. SANTOS, E. O dos. **A discursividades dos memes – mimetizando-se nas redes educativas**. Revista Periferia, v.11, n.2, p.57-89, maio/ago. 2019. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/39246/29627>>. Acessado em 06 de maio de 2020.

BRAGA, M. L. S. **Currículo do Sistema Currículo Lattes**. Disponível em:< <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4780571J1>>. Acessado em 13 de abril de 2020.

MILITÃO, E. REBELLO, A. Rede de fake news com robôs pró-Bolsonaro mantém 80% das contas ativas. **UOL**, Brasília e São Paulo, 19 de setembro de 2019. Política. Disponível em:< <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/19/fake-news-pro-bolsonaro-whatsapp-eleicoes-robos-disparo-em-massa.htm>> Acessado em 14 de abril de 2020.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** In: CYPRIANO, F. (org.). *A pós-verdade é verdadeira ou falsa* [recurso eletrônico]. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

WENDLING, M. Como o termo ‘fake news’ virou arma nos dois lados da batalha política mundial. **BBC Trending**, [S.l.], 27 de janeiro de 2018. News Brasil. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42779796>> Acessado dia 14 de abril de 2020.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.